

GS1 DATABAR FINALMENTE DO PRADO AO PRATO

Um símbolo código de barras para as unidades de consumo, que assegura o transporte da informação fundamental de rastreabilidade



Silvério Paixão

Enquanto está nas suas compras, vê uma anormal azáfama dos empregados a recolherem um determinado produto sobre o qual poucos instantes antes ouviu nas notícias ser emitido um alerta de recolha para um certo e determinado lote. Um pouco mais tarde, no seu trajecto chega finalmente à prateleira desse produto. Certo da eficiência com que o trabalho de recolha e substituição foi feito, sem hesitações coloca duas embalagens no seu carrinho de compras e dirige-se para a linha de caixas onde, como normalmente, os seus produtos são “lidos” e facturados. Vários “bips” depois, tem a sua lista de compras processada. Paga e dirige-se a casa onde é recebido de braços abertos pelo seu filho, que espreitando o saco das compras exclama: “Era mesmo isto que eu queria!”

Com alegria passa-lhe para as mãos uma das embalagens em causa e enquanto você arruma as compras, não só ele se delicia avidamente como também você abre a outra embalagem e come o seu conteúdo. Daí a pouco ouve um choro abafado. Dirige-se à sala e sobre o sofá vê um corpo dobrado que, com um olhar de sofrimento, lhe pede ajuda... Num instante eterno, uma pergunta trespassa o seu espírito: “Meu Deus, como é possível?”

Um momento. Voltemos um pouco atrás nesta história e vejamos um final alternativo.

Está na fila de caixas para pagar as suas compras. Não sabe bem porquê mas enquanto esperava apercebeu-se de qualquer coisa indistinta nos códigos de barras que estão nos produtos. Parecem ligeiramente diferentes. “Não”, pensa você, “não deve ser nada”. Quando chega a sua vez, como sempre, é atendido com presteza e

começam os habituais “bips”. Mas desta vez, à passagem da segunda embalagem, algo de estranho acontece. Um sinal sonoro de aviso ocorreu e, após uma breve confirmação no visor de controlo, de imediato o operador de caixa chamou o apoio de loja para recolher e substituir a embalagem em causa. Em seguida diz-lhe: “As nossas desculpas pelo incómodo, mas vamos já substituir esta embalagem que não se encontra em condições de ser comercializada, por ter sido ordenada a sua recolha.”

De certeza que já entendeu que a primeira parte da história corresponde à situação que hoje vivemos. Existe rastreabilidade na cadeia de abastecimento. E esta vai até à prateleira. Mas a partir daí estamos dependentes de vários factores, dos próprios seres humanos, dos seus erros e de tudo o mais. Numa situação destas existem outras possibilidades, como alguém que já tinha o produto no carrinho e o decide recolocar na prateleira, muito depois desta ter sido alterada. Ou então, algumas embalagens que ficaram esquecidas noutra parte do expositor... O tradicional código de barras EAN em nada nos pode ajudar nestas situações. Apenas indica o que é o produto...

A solução encontra-se no GS1 DataBar, que é o principal protagonista do final alternativo e representa a segunda geração de códigos de barras para pontos de venda (POS). O facto de conter não só um número (GTIN - Número global de artigo comercial) que indica o que é o produto, mas também o número de lote, garante que a leitura automática poderá detectar com eficácia as situações que forem consideradas irregulares. Garantimos, assim, a rastreabilidade até ao consumidor final. E finalmente... “mesmo até ao prato!”

Enquadramento

Foi há cerca de 35 anos que o primeiro código de barras comercial fez o primeiro de muitos “bips”. A partir daí os códigos de barras passaram a integrar a vida dos consumidores. A princípio de forma tímida, depois paulatinamente. Pelo desempenho provaram a sua funcionalidade e fundamental utilidade, vencendo os detractores e os cépticos. Hoje não damos por ele, de tão discreta a sua presença. Na realidade apenas dedicamos algum grau de atenção quando numa fila de compras vemos retardado o nosso apressado “passo de vida”, porque “a máquina não lê o código”.

Mas, o que é realmente preciso para que tudo funcione bem? Precisa-se de “boas” barras escuras e claras. Precisa-se de equipa-



mentos que “saibam ler essas barras”. Precisa-se também que as barras contenham “a informação adequada” e precisa-se, ainda, que as entidades que utilizam essas barras se entendam no que querem e no que fazem.

Há três décadas e meia esse entendimento resultou num grande passo e na utilização de um simples código de barras EAN, como forma de transportar um singelo número GTIN, que identifica sem sombra de dúvidas um determinado produto em qualquer parte do mundo. Hoje, volvido todo este tempo, essas mesmas organizações concordam que precisam de algo mais: “Mais informação disponível de forma automática, para melhor gerirem os negócios e assim satisfazerem o mercado, garantindo a segurança e qualidade”.

Um novo “velho” código

Estamos no limiar de mais um momento histórico. O momento em que os principais envolvidos – quem desenvolve os artigos (produção) e quem os vende ao consumidor final (distribuição) – chegam a um novo acordo: A possibilidade de, para além do código EAN, utilizar um novo código de barras nos produtos de consumo destinados a leitura automática nos pontos de venda. Assim, dez anos após a sua criação original, pode dizer-se que nasce agora a era dos códigos de barras GS1 DataBar... Um momento. Dez anos?

De facto, foi em 1999 que, pela mão do seu inventor, Ted Williams, um novo símbolo código de barras apareceu em cena: *Reduced Space Symbology* (RSS), que dava resposta a todo um conjunto de solicitações. Logo à partida e como o nome sugere, o RSS permitia marcar produtos mais pequenos, uma vez que genericamente a mesma quantidade de dados podia ser codificada em metade do espaço ocupado por um símbolo EAN. Também podia ser usado para juntar mais dados ao código do produto, incluindo informação sobre o número do lote, data de validade, preço, etc.

É evidente que esta informação podia ser escrita de uma forma não codificada, mas não podia ser lida automaticamente sem uma forma de capturar essa informação num código de barras. E embora nessa altura já estivessem disponíveis outros códigos de barras, infelizmente eles caíam na categoria de códigos bidimensionais ou matriciais, que não podiam ser lidos pelos tradicionais leitores de supermercados. Por outro lado, o RSS era uma simbologia linear compatível com os leitores já em uso.

Em 2007 o RSS muda de nome para GS1 DataBar para evitar confusão com uma tecnologia de internet emergente, a Really Simple Syndication, utilizada para criar actualizações automáticas entre websites e os seus subscritores. Nesse contexto, a escolha do novo nome GS1 DataBar não foi casuística e pretendeu fazer ressaltar o que o próprio código de barras traduz: “barras com informações”.

Uma família de símbolos códigos de barras

O GS1 DataBar nasce não como um só símbolo código de barras, mas sim como uma família de 7 diferentes símbolos, em que cada



elemento tem características que o tornam mais adequado a situações específicas.

O primeiro grupo, cujos símbolos têm como objectivo serem mais pequenos que o EAN, compreende o GS1 DataBar, o GS1 DataBar Empilhado, o GS1 DataBar Empilhado Omnidireccional, o GS1 DataBar Truncado e o GS1 Limitado. Apesar de todos possibilitarem a codificação dos 14 caracteres que correspondem ao código de produto (GTIN), nem todos se destinam a ser utilizados nos pontos de venda.

Na segunda categoria de variantes encontramos o GS1 DataBar Expandido e o GS1 DataBar Expandido Empilhado. Ambos podem codificar até 74 caracteres numéricos ou 41 caracteres alfanuméricos e, por isso, podem conter a gama total de Identificadores de Aplicação (IA's) já utilizados no GS1-128. Aqui, o claro objectivo é assegurar a informação contínua ao longo da cadeia de abastecimento, mesmo até ao último elo, o consumidor.

Automação para produtos frescos

Através dos tamanhos reduzidos, o GS1 DataBar permite codificar individualmente com um GTIN produtos hortofrutícolas, que são hoje vendidos em livre serviço e sem qualquer identificação. Dessa forma identificam-se sem sombra de dúvida produtos e categorias, como também diferentes fornecedores e origens, uma vez que na identificação do próprio produto o GTIN incorpora a identificação da empresa que o produz. Novas possibilidades para os formatos de serviço, melhores informações para a gestão de categorias e mais conhecimento para a gestão de fornecedores são algumas das funcionalidades que agora podem beneficiar dos códigos de barras.

Produtos pré-embalados para os quais é fundamental a gestão em termos das datas de validade contam agora com a possibilidade de verificação automática. E até os produtos pré-embalados de peso variável podem dispor agora de uma verdadeira identificação única e global (GTIN), para além de terem no próprio código de barras o valor do peso e do preço.

Com códigos de barras em perfeita (r)evolução, a rastreabilidade passa agora a ser total.

Silvério Paixão, gestor da Cadeia de Abastecimento, GS1 Portugal-CODIPOR – Associação Portuguesa de Identificação e Codificação de Produtos